



## » Entrevista | RENATO JANINE RIBEIRO | PRESIDENTE DA SBPC

Dirigente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência afirma que reunião em Brasília defenderá resgate da cidadania

# Ciência e democracia, os pilares do Brasil

» JÁDER REZENDE

Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil

Com o lema Ciência, Independência e Soberania Nacional, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) promove, pela quarta vez em sua história, uma reunião anual na Universidade de Brasília (UnB). De domingo até o dia 30, o evento reunirá representantes de sociedades científicas, autoridades e gestores do sistema nacional de ciência e tecnologia, que debaterão políticas públicas nas mais diversas áreas e difundirão os avanços da ciência para toda a população. Em entrevista exclusiva ao Correio, o presidente da SBPC, Renato Janine Ribeiro, detalha os principais pontos da conferência que, segundo ele, será pautada por uma profunda reflexão sobre os 200 anos da independência do Brasil e as desigualdades que, desde então, imperam no país. “Os indígenas não ganharam nada com a independência, continuaram sendo explorados e oprimidos. Vamos abranger uma história mais completa, não pensar somente como algo que está só no passado, mas perguntar o que precisamos fazer para ter uma soberania nacional efetiva”, diz. Ministro da Educação no governo de Dilma Rousseff, Ribeiro tece, ainda, considerações sobre o atual cenário político, as ações desencadeadas durante a pandemia e conclama a população a voltar às ruas para lutar pelos seus direitos. “É isso que está faltando”, sentencia. Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista.



O ponto crucial é a recuperação da democracia no Brasil. A SBPC atua na defesa da democracia desde sempre e considera esse assunto um pilar absoluto. Não adianta termos verba para ciência e educação se não for para fazer do Brasil um país mais justo”

### O que o senhor destaca da próxima edição da SBPC?

Será de extrema importância, pois vai refletir os 200 anos da independência do Brasil, e isso vai ser o principal destaque da reunião anual. Significa, essencialmente, duas coisas: que optamos pela independência sem soberania nacional, destacar que a história da independência não deve ser somente lembrada pelo 7 de setembro em São Paulo e atuações políticas no Rio de Janeiro, que levaram à separação de Portugal. Por conta disso, vamos falar da outra colônia portuguesa que havia aqui, que era o Grão-Pará; vamos falar do Acre, que na época não se uniu ao Brasil, somente se tornou nosso em 1903; e vamos falar também sobre os indígenas, que não ganharam nada com a independência, continuaram sendo explorados e oprimidos. Enfim, abranger uma história mais completa.

### E qual é o segundo significado da SBPC?

O outro lado é olhar para frente; não pensar na independência somente como algo que está só no passado, relevada ao que aconteceu, mas perguntar o que precisamos fazer para ter uma soberania nacional efetiva. Perguntar às várias áreas científicas como cada uma delas pode contribuir para a soberania nacional. Por exemplo, a engenharia elétrica: de que maneira a gente pode ter uma matriz energética limpa e autônoma, que contribua para o Brasil ser um país soberano, sem necessitar dos outros

para essas cirurgias básicas? De que maneira isso vale para a física, química, biologia, com toda a biodiversidade brasileira, e também para a sociologia, literatura? Enfim, fazer essas perguntas para todas as áreas. E também questionar a cada um de nós se realmente estamos desempenhando o nosso papel pela soberania nacional.

### O que esperar do governo Bolsonaro nesse debate?

Espera-se um compromisso com a democracia, que está muito em risco hoje no Brasil. A SBPC tem um vínculo histórico com a democracia. No tempo da ditadura, lutou pela volta do regime democrático, pelo estado de direito. Quando da constituinte, a SBPC participou das discussões sobre o que deveria constar na Constituição de 1988, sobretudo no que dizia respeito à ciência e a educação, mas também no campo social, cultura, saúde, meio ambiente, todas as áreas em que navegamos. Desta vez, vamos reafirmar a importância da democracia, ponto crucial nesse momento em que constantemente ouvimos ameaças contra as eleições. Vamos defender eleições limpas e aprofundar a inclusão social nesse período eleitoral. Vamos, inclusive, fazer uma exposição sobre a história das urnas eletrônicas, nos posicionando.

### Por que esse movimento?

O ponto crucial é a recuperação da democracia no Brasil. A SBPC atua na defesa da democracia desde sempre e considera esse assunto um pilar absoluto. Não adianta termos verba para ciência e educação se não for para fazer do Brasil um país mais justo. Democracia é um regime que começa com base, na ideia da igualdade entre as pessoas. O voto do mais rico não vale mais que o do mais pobre, e essa igualdade exige também que as pessoas excluídas historicamente encontrem o seu lugar. Por isso, é muito importante termos políticas sociais para que o Brasil se torne efetivamente uma democracia.

### Como a SBPC vê a questão da Amazônia e as mudanças na legislação que estimulam o uso de agrotóxicos em larga escala?

A SBPC tem uma posição muito firme com relação ao uso de agrotóxicos e na defesa do meio ambiente em seus seis biomas, a começar pelo da Amazônia e o Cerrado. É muito importante observarmos as perspectivas naturais, envolvermos as populações dessas regiões na preservação e costurarmos as riquezas de maneira científica e sustentável, não de maneira predatória e destruidora.

### Como a SBPC pode contribuir para a redução da desigualdade, principalmente da fome no país?

Na medida em que a SBPC congrega mais de 170 sociedades científicas, em todas as áreas, temos condições de promover articulações dos diferentes saberes para a redução das desigualdades. As ciências humanas, por exemplo, estudam muito as desigualdades, sobretudo a sociologia. O crescimento das ciências humanas pode contribuir para determinar quais são as políticas mais adequadas nessa direção. Outra área iminentemente multidisciplinar é a saúde coletiva, que, além da sua parte biológica, desenvolve pesquisas sobre como cuidar de esgotos, purificar água. Há uma parte sociológica que busca ver como as camadas mais pobres são as mais prejudicadas numa sociedade intensamente desigual como a nossa. A SBPC pretende promover discussões, sobretudo interdisciplinares, para, dessa forma, conseguir ajudar o Brasil, num futuro governo e sempre, a encontrar soluções para problemas complexos, como os que vemos agora.

### Cortes orçamentários na educação são históricos no país. Ao mesmo tempo, governo e Congresso “criam” uma PEC de “benefícios” em ano eleitoral e drenam bilhões do orçamento para cabalar votos. Como lidar

### com isso?

Isso é muito grave. Temos que alertar a opinião pública para os riscos e para o desgaste que o Brasil está sofrendo com esse processo. O Brasil vendeu, por exemplo, a Eletrobras por R\$ 30 bilhões e vai gastar esse dinheiro ou mais com essa PEC eleitoreira. Liquida-se um patrimônio importante para o país, construído ao longo de gerações, essencial para a independência energética, apenas para fazer campanha eleitoral do atual presidente da República. Temos que alertar a população para que ela não caia nesses engodos, para que todos saibam que colocar em risco a cultura do Brasil, queimar a Eletrobras nos tanques de motor de combustão dos carros não é uma boa opção para o país.

### E a recorrente fuga de cérebros para o exterior. Pioramos? Quais as consequências que o país pode sofrer a curto, médio e longo prazo?

É curioso que o Brasil nunca foi um país de fuga de cérebros. Comparando com Argentina e Índia — países até parecidos conosco em várias coisas, mas com uma fuga de cérebros grande —, o Brasil sempre teve menor [evasão intelectual], mesmo em momentos muito difíceis, como quando havia poucas verbas para ciência e educação e especificamente para contratar pessoas

com doutorado, como no governo Fernando Henrique Cardoso. No entanto, agora, essa fuga de cérebros ocorre porque muitos jovens não veem perspectiva aqui.

### Por que não haveria perspectiva?

Como se pode ter perspectiva quando, com 30 anos, já com doutorado, muita gente está vivendo com uma bolsa de pós-doutorado que não garante nenhum direito trabalhista, enquanto um militar da União, com um ano de trabalho, já conta com período para poder aposentar e um doutor não? Não há futuro sem investimento em ciência, em tecnologia, em pesquisa. Da maneira que seguimos, estamos dilapidando um patrimônio importante, o humano, gente formada às custas do Brasil e que o país está entregando de graça para países desenvolvidos.

### A atuação de universidades e institutos de pesquisa durante a pandemia foi decisiva para o acolhimento e tratamento de pacientes infectados, apesar do negacionismo capitaneado pelo governo federal. Essas ações poderiam ter sido mais abrangentes com o devido apoio da União?

Se tivesse havido apoio da União, essas instituições teriam feito muito mais. Por exemplo, grupo de pesquisas brasileiros se empenharam em criar uma vacina nossa, enquanto Cuba, um país muito mais pobre e menor, conseguiu desenvolver três vacinas. Nada impediria o Brasil de ter a sua vacina, mas faltou dinheiro. O governo não colocou dinheiro, não priorizou, contestou a importância das vacinas, a eficácia delas. Tudo isso trouxe uma série de problemas grandes para nós. O Brasil ficou aquém do que devia ter feito contra a pandemia. Tivemos uma taxa de mortalidade bem superior à média mundial. As mortes ocorridas no Brasil acima do percentual mundial foram por falta de responsabilidade, de uma política oficial empenhada em deter a pandemia.

### Durante o evento será lançado o livro UnB Anos 70 — Memórias do Movimento Estudantil, cuja apresentação leva a sua assinatura. Como vê a atuação dos movimentos estudantis na redemocratização, passando pelos governos de esquerda e chegando aos dias atuais?

Penso que eles têm atuado o quanto podem, mas seria bom que ampliassem essas ações, que mobilizassem mais gente. Uma coisa que está faltando, hoje, é o povo ir para as ruas defender os seus direitos. Isso, em parte, se deve a uma perda de esperança que ocorre no país. Entre 2013 e 2018, houve uma série de promessas de salvação da pátria, bastava tirar a presidente da República que tudo seria maravilhoso. Mas nada disso aconteceu. Ao contrário, o Brasil entrou numa crise que piorou tudo. Em vez de melhorar, temos hoje uma situação de muita decepção com a política. Então, é preciso recuperar essa expectativa. É preciso que as pessoas voltem a acreditar que podem ser senhora do seu destino. É isso que está faltando.